

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

NEOLOGISMOS E EMPRÉSTIMOS NA LÍNGUA BAKAIRI: RELATO DE PRÁTICA DE ENSINO

Neologisms and loans in the bakairi language:
report on teaching practice

Tâjitanru iwelo âxidujaji ltyby Warâ Kurâ Kytanru
oday: Âdara Ewanily Kydâsenomedâdoem

Luiz Carlos Tawi Matarim

Professor na Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi, na aldeia Pakuera, município de Paranatinga (MT). Mestrando no Programa de Pós-Graduação (Mestrado Profissional) em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

E-mail: luiz.matarim@unemat.br

Rejane Centurion

Doutora em Filologia e Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP); Professora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado Profissional) em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4853-7233>
e-mail: rejanecenturion@unemat.br

Como citar este artigo:

MATARIM, Luiz Carlos Tawi; CENTURION, Rejane. Neologismos e empréstimos na língua Bakairi: relato de prática de ensino. In **Revista de Comunicação Científica – RCC**, set./dez., vol. I, n. 13, p. 110-123, 2023.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 13 (2023)
ISSN 2525-670X

NEOLOGISMOS E EMPRÉSTIMOS NA LÍNGUA BAKAIRI: RELATO DE PRÁTICA DE ENSINO

Neologisms and loans in the Bakairi language: report on teaching practice

Tâjitanru iwelo âxiduaŷi Ityby Warâ Kurâ Kytanru oday: Âdara Ewanily Kydâsenomedâdoem

Resumo

O presente trabalho trata-se de um relato de uma prática de ensino sobre empréstimos e criação de novas palavras, na língua Bakairi, cuja proposta nasceu da experiência vivida em sala de aula, na Aldeia Pakuera, no município de Paranatinga (MT), quando, ao trabalhar com a disciplina de língua materna, constatou-se que, em muitos eventos de fala e de escrita, os alunos utilizavam empréstimos da língua portuguesa para se comunicar. Tal fato contribuiu como um alerta para iniciar o trabalho de levantamento de palavras emprestadas e, a partir daí, seguir para a criação de palavras e/ou expressões que pudessem substituir o português e valorizar a língua materna Bakairi. Para o trabalho, foram utilizados estudos da área da lexicologia e da educação indígena, entre os quais, Alves (2009) e Taukane (1999). A pesquisa se encontra em andamento e tem alcançado outros espaços.

Palavras-chave: Neologismos. Empréstimos. Ensino da língua Bakairi. Valorização da língua materna.

Abstract

The present article is a report of a teaching practice on loans and creation of new words, in the Bakairi language, a proposal born from the experience in the classroom, in Pakuera tribe, located in the city of Paranatinga (MT), where, in mother tongue classes, it was found that, in many speech and writing events, students used Portuguese language loans to communicate. This fact contributed as a warning to start the work of surveying borrowed words and, from there, proceed to the creation of words and/or expressions that could replace Portuguese and value the Bakairi mother tongue. To this work, studies in the area of lexicology and indigenous education were used, including Alves (2009) and Taukane (1999). The research is in progress and has reached other spaces.

Keywords: Neologisms. Loans. Bakairi language teaching. Valorization of the mother tongue.

Unâ imâemba ietyby¹

Xirâ âwanu âdara tâjitanwem konomedâdyly wâgâ agueho xirâ, tâjitanru âxiduaŷi Ityby wâgâ iwelo tijitanru xugudyly wâgâ warâ, kytanru oday, xirâ aiedyly wâgâ iazely ani tâdâsenomedâdo odaylâ, kâty anaynlâ Pakueradâ, kyjidadâry Paranatinga-MT, aituo, kâsewaniday kytanwem iamimeom enomedâday, ilâpygueduo, awârâem âdydo mondo toenzepa aitayhondâ aguehodâ iwenihondâ, lamimeon âsenomedâni mondo aguely tâjitanru âxiduaŷi ityby karaiwado itanwem aguelymo tagonrodo agâ adykehoem. Awârâ mondo kâendylygue kâindadylygue warâ, kaunkuwâdyly awârâ tâjitanru Axiduaji ityby mondo, aituo, kanguly awârâ tâjitanru âxiduaŷi ityby xugukely, karaiwa itanwem lelâ aguely kinmohoem kytanru eohonwandoem warâ. Xirâ âwanu aitoem, tâwanizeim keankâ awârâ tâdâsenomedâdylydâ área da Lexicologia keho udo Enomery warâ, tâlâ pylâ, Alves (2009) e Taukane (1999) warâ, aidyly lakuru olâ ise xirâ.

Unâ xutuho adaguho: Tâjitanru iwelo, Tâjitanru âxiduaŷi ityby, kytanwem tâdâsenomedâdyly, kytanru eohonwanâdyly

¹ O resumo na língua Bakairi foi traduzido com a colaboração do professor Apolônio Apiaga, bem como o título do artigo.

Introdução

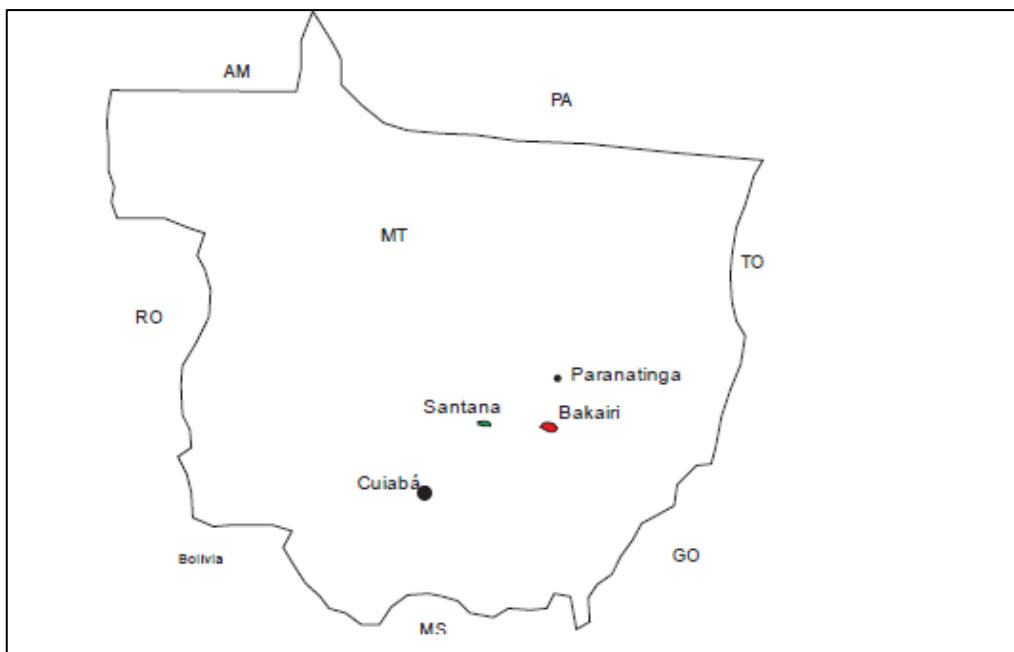
O presente trabalho tem como objetivo dar a conhecer uma prática de sala de aula tomando como objeto o uso da língua portuguesa no contexto escolar e comunitário do povo Bakairi. Inicialmente, relatamos o contexto histórico dos Kurâ, de modo sucinto, falando um pouco sobre o significado do termo *Kurâ*. Posteriormente, tratamos da demografia atual e a localização das duas terras indígenas pertencentes ao nosso povo (Kurâ-Bakairi e Santana), descrevendo, brevemente, em seguida, o contexto histórico da educação escolar Bakairi. Para finalizar, apresentamos o relato de prática de ensino sobre neologismos e empréstimos que envolvem nossa língua materna e o português.

O trabalho apresenta um diagnóstico de como e com que frequência os alunos utilizam a língua portuguesa no cotidiano e no contexto escolar. A partir daí, estabeleceu-se um diálogo buscando reflexões e alternativas para diminuir o uso do português e valorizar a língua bakairi. Discutimos os termos “neologismo” e “empréstimo”, e realizamos atividades práticas de criação de novos termos e expressões para substituir palavras que não existem na língua materna. Concluimos compartilhando a experiência com a terra indígena de Santana e expandindo a ideia do trabalho para outros colegas.

Sobre o povo Bakairi

Nós, Bakairi, somos falantes de duas variantes de uma língua pertencente a um dos dois ramos meridionais da família Karib, tendo a língua portuguesa como segunda língua. Autodenominamo-nos Kurâ-Bakairi, reforçando *Kurâ*, “nosso povo”, “nossa gente”, para nos diferenciarmos das demais etnias e da sociedade de modo geral, denominada por nós de *Kurâ ípa* ou *Kurâpa*, “gente-não”. Segundo alguns anciãos, Bakairi seria uma espécie de mandioca, conhecida pelos colonizadores destas terras, e por consumirem muito esta raiz, acabaram por adotar este nome. Atualmente, vivemos na região do cerrado norte mato-grossense, em duas Terras Indígenas: Santana, no município de Nobres; e Bakairi, no município de Paranatinga:

Figura 1- Terras indígenas Santana e Bakairi – Mato Grosso



Fonte: Lopes (2012)

Dentro da reserva indígena de Paranatinga, existem, hoje, dez aldeias; e na de Nobres, três. Entre todas as comunidades Bakairi, existem duas aldeias que são denominadas como centrais, sendo a Pakuera, no Município de Paranatinga (MT), e a Santana, no Município de Nobres (MT). Segundo o Censo 2010, os Bakairi, tanto de Nobres como de Paranatinga, estimam-se em aproximadamente 950 indivíduos, dos quais a maioria vive dentro da reserva, enquanto uma pequena parte vive atualmente em outros municípios, seja trabalhando ou estudando.

Breve cenário da educação escolar Bakairi²

Segundo registros históricos, no ano de 1922, a escola Bakairi (região de Paranatinga) foi reconhecida oficialmente como Escola Municipal de Primeiro Grau José Pires Uluku, o que, segundo Taukane (2009), só ocorreu após a implantação do primeiro Posto Indígena Simões Lopes, com a comissão do Marechal Rondon, no ano

² Dados coletados do trabalho “Material pedagógico piloto: descobrindo caminhos para a educação escolar bilíngue Bakairi”, da mestranda Aryane Aparecida Antonio da Silva (2016).

de 1920. No entanto, o primeiro contato com a educação escolar se deu por volta de 1919, sob os “cuidados” do órgão tutor, sem nenhuma organização ou preocupação com a cultura e os valores indígenas.

Na época, os professores que lecionavam na área indígena eram todos não indígenas. Gradualmente, as mudanças foram ocorrendo e, em 1985, os Bakairi galgaram grande vitória para a educação escolar: a permanência e reconhecimento de professores Kurâ para lecionarem em sua comunidade. Em 2006, outra conquista: a escola passa a ter direção e equipe gestora também da própria comunidade, se organizando cada vez mais para requerer seus direitos e buscar melhorias na qualidade da educação ofertada ao seu povo.

Atualmente, o sistema escolar indígena Bakairi, de Paranatinga, atende aproximadamente 270 alunos e oferece as etapas de Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, subsidiado pelo município, através da Escola Municipal de Primeiro Grau José Pires Uluku, e pelo Estado, por meio da Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi, ambas localizadas na Aldeia Pakuera. Possui sala de informática com *internet*, biblioteca, sala dos professores, e todo o corpo escolar é Kurâ. A equipe docente Bakairi tem formação em graduação e pós-graduação nas seguintes áreas do conhecimento: Licenciatura em Pedagogia, Línguas, Ciências da Matemática, Ciências Sociais e Artes; e Bacharelado em Economia, Medicina e Sistema de Informação; contando, ainda, com graduandos em outras áreas.

Neologismos e empréstimos na língua Bakairi

No início da nossa formação acadêmica, lecionávamos em diversas disciplinas, todas relacionadas à área de linguagem. Desde o tempo dos estudos na universidade, já demonstrávamos interesse em pesquisar nossa língua materna. Assim, a necessidade de buscar ainda mais conhecimentos surgiu da oportunidade, no ano de 2017, quando começamos a lecionar a disciplina de língua materna.

Ao preparar as aulas e ministrá-las, observamos que em grande parte do tempo, os alunos, bem como a comunidade, estavam utilizando, com muita

frequência, palavras da língua portuguesa no emprego da língua materna, como na frase a seguir:

*Iwerâ ieguy **kaxoro** iamundo nâtai.*
Hoje meu cachorro o menino mordeu.

Nesta frase, podemos notar que, ao dizer que o cachorro mordeu o menino, os Bakairi utilizam, em sua maioria, o empréstimo “cachorro”, do português, quando poderiam revitalizar e valorizar a língua materna, substituindo o termo pela palavra *seru-seru*.

A ideia de trabalhar com neologismos e empréstimos foi, então, retomada quando nos lembramos de um momento muito interessante vivido ainda na universidade, o qual se deu a partir de um relato do professor Josimar Tapirapé³, ao dividir sua prática conosco, falando sobre a criação de palavras para substituir termos em português em sua língua materna (Apyãwa). O resultado deste trabalho nos incentivou a almejar um dia poder realizá-lo também em nossa língua e aproveitar todo o conhecimento dos anciãos para enriquecer e motivar os alunos a participarem.

Ao buscar apoio em materiais didáticos, percebemos que não havia suporte em livros na língua bakairi para que os alunos pudessem encontrar o verdadeiro significado das palavras, o que mais uma vez nos motivou a organizar e desenvolver este projeto.

Pensando, então, na parte prática, por meio de observações e anotações, durante muitos momentos do cotidiano Bakairi, elaboramos uma lista com palavras, em português, que ouvíamos ou líamos pela aldeia: celular, relógio, *pendrive*, *notebook*, ventilador, televisão, geladeira, fogão, liquidificador, batedeira, refrigerante, suco e chá.

No primeiro dia de aula, após esse planejamento inicial, apresentamos aos alunos a proposta do trabalho, e iniciamos relatando nossa preocupação com a frequência do uso do português em nosso dia a dia, explicando que uma maneira de revitalizar a língua materna e valorizá-la é resgatar palavras que existem, mas que

³ O trabalho do professor Josimar Tapirapé trata-se de neologismos para a língua Apyãwa (PAULA; TAPIRAPÉ, 2017).

com o tempo e a influência da segunda língua, deixaram de ser faladas. Propusemos identificar palavras que estão sendo emprestadas do português, criando, posteriormente, uma nova palavra ou expressão para substituí-las.

Seguindo este pensamento, introduzi os conceitos de **neologismo** e **empréstimo**, com alguns exemplos colocados na lousa.

O “(...)acervo lexical de todas as línguas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade linguística” (Alves, 2007, p. 5).

Tal processo de criação lexical recebe o nome de neologia, e a palavra nova, neologismo.

O léxico de um idioma, entretanto, não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente: os contatos entre as comunidades linguísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua. (Alves, 2007, p. 72).

Um das formas de ampliação é a neologia por empréstimo. No estudo em questão, refletimos acerca dos empréstimos que se dão a partir da língua portuguesa, considerada segunda língua para o povo Bakairi.

Alves (1984, p. 120) aponta que: “Nem sempre, porém, o emprego de um lexema num outro sistema lingüístico supõe sua integração a esse idioma”, e cita Haugen (*apud* Alves, 1984, p. 120) o qual

propõe uma tipologia formal do neologismo por empréstimo. Denomina *modelo* a unidade lexical da língua A que é empregada pelos usuários da língua B. Assim, pode ocorrer a *importação* ou a *substituição* do elemento modelo. Dá-se a importação quando a unidade lexical recebida mantém-se inalterável formalmente; em caso contrário, há substituição.

No contexto do povo Bakairi, seus falantes vêm promovendo a substituição do elemento modelo a partir da criação de uma palavra ou expressão em língua materna. Explicamos aos alunos, fundamentados pelos estudos de Higa (1973 *apud* MOLINA, 2010, p. 7), que há diferentes razões para o uso de empréstimos, e uma delas

surge do chamado prestígio social de determinada língua. Essa língua apresenta, portanto, grande influência cultural sobre outra comunidade e os membros dessa comunidade usam vocábulos estrangeiros como forma de demonstração de sua familiaridade com a língua de prestígio.

Este movimento de empréstimos da língua estrangeira ocasiona (quando julgado importante) a necessidade de neologismos, ou seja, surge da necessidade prática que a língua apresenta de nomear algo novo que está entrando em sua cultura e que já existe em outra. “Trata-se da adoção por parte dos falantes de uma língua, de termo de outra, por perceberem alguma lacuna ou inadaptação para nomear algo, no acervo lexical da língua que falam. Cada falante tenta reproduzir esses modelos linguísticos importados para superar as novas situações” (CARVALHO, 2007, p. 75).

A expressão “máquina de lavar roupas” foi exposta e, como exemplo, explicamos aos alunos que poderíamos trocar o seu uso pela palavra *âtâ igokeho* (aquilo que lava roupas). Demos continuidade à discussão acerca da lista de palavras apresentada, e seguimos criando, primeiramente, de modo coletivo, outras expressões.

No segundo momento da atividade, foi proposto aos alunos que levassem para casa uma lista com mais palavras para que, no contexto familiar, pudessem criar neologismos e compartilhar com o grupo, em outro momento. O resultado foi surpreendente e produtivo, pois ao retornarem para a sala de aula, pudemos constatar que todos haviam compreendido e se empenhado em participar e criar.

Uma dentre tantas situações interessantes tratou-se da criação da palavra “bicicleta”, pois observamos que os alunos utilizaram como critério para criá-la, em bakairi, a função que ela exerce, ou seja, a necessidade de pedalar para que se movimente. Outro aspecto que facilitou sua criação foi o fato de palavras como “pedalar” e “rodar” existirem na língua materna. Nesse sentido, as propostas apresentadas para substituir esse empréstimo foram as seguintes:

<i>tagâizeim</i> ⁴	(o que se pedala)
<i>kokozeâni</i>	(que causa cansaço)
<i>tyilazeim</i>	(magrela)
<i>takobâzeim</i>	(algo que usamos para andar)
<i>tadakobâdo</i>	(o que a gente anda)

⁴ Esta palavra foi destacada porque refere-se ao termo “bicicleta”, com mais proximidade semântica, o que chamou a atenção do grupo de alunos. Utilizamos esse recurso para as próximas listas.

A chegada da energia elétrica proporcionou muitas mudanças no comportamento de todos da aldeia, como, também, a chegada da *internet* e do uso do celular. Atualmente, a maior parte dos adolescentes e adultos usa o celular com bastante frequência, o que ocasionou a necessidade de criar uma palavra e/ou expressão para substituir este termo, ocorrendo, pois, as seguintes sugestões, durante a atividade:

<i>kâmary ekozeâni</i>	(que deixa nossa mão cansada)
<i>taypaum agâ agykeho</i>	(o que comunica com a pessoa distante)
<i>âkelo agâ agykeho</i>	(o que nos comunica com o outro)
<i>kywâtâ agâ agykeho</i>	(o que nos comunica com o namorado(a))
<i>tâdâtunâgueho</i>	(o que é usado para falar)
iorai	(fuxiqueiro)
iwague kydâturudo	(o que manda aviso distante)
<i>aguykeho</i>	(o que comunica)
<i>kâgatuim</i>	(o que deda)
<i>pyry pyry</i>	(o movimento dos dedos na tela)

Finalizada a discussão, registramos os neologismos propostos em língua materna, para substituição às palavras empregadas em língua portuguesa, da lista inicial, e obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 1 – Neologismos em Bakairi

Palavras em português	Neologismos em Bakairi
1. Celular	kâmary ekozeâni - taypaum agâ agykeho - âkelo agâ agykeho - kywâtâ agâ agykeho - tâdâtunâgueho - iorai - iwague kydâturudo - aguykeho - kâgatuim - pyry pyry
2. Relógio	kâwâry wogonro - xixi - emedyly iguandyly eto – kânanâgueim
3. Pendrive	kysejigy ekanâdo - âdydo imeon ekanâdo - angydo imeon igâky ekanâdo - home emynro - etadâdo - unâ ekanâdo - âdydo imeon sapagueho - iwenihonbyry ekanâdo - iwelo keba ekanâdo - tâjigâky modo ekanâdo
4. Notebook	kâmarygue iweniho - palaka warâ âzenahuim - âwanu aieni - iweniho - iwenim - kâinweniho - unâ modo enehoim - iweninby eto - konomery xutuim - unâ iweniho
5. Ventilador	tylupezeinreim - pâin pâin ini - pybyby kyeni - kânkânwanâni - ilupezenru - sapezenru sameim - kydâjilupezeiho - kânkânwanâni - âdâpigu satâin – kâlupezeim - adapezeim - pybyby ini

6. Televisão	Kuruni - kâgadopyry enehoim - ioragumi - âdydo imeon sakadyly kiento - iwagueno kiento - tâenseim - unâ kento - âdydo imeon eto - karaiwado aidyly eto - tâensezeim
7. Geladeira	pyni ekanâdo - nhânkânwanâni - âdydo imeon nhânkânwanâni - paru nhânkânwanâni - pyni nhânkânwanâni
8. Fogão	pyni idâlâto - pyni aieto - pyni aieni - idâlâni - pyni aito - peto xynanâdo
9. Liquidificador	pyni sakoho - âdydo imeon samiuim - samiuho - sakoim - samiuim - âdydo imeon sakoim - edunukeho
10. Batedeira	kuru aguento - âdydo imeon totó ieni - sakoim - iwalupanâni - <u>ekonubanâni</u> - sakoho - iwalugyho - awadu sakoho
11. Refrigerante	taneim taekureim - tyânkânreim - kunusaekuzeâni - txi keim - tyânkânre tânyzeim - tyânkânreim - igonoto
12. Suco	Itugâni - âdydo imeon ekuru - ewily ekuru - tâzewily ekuru - taekureim - tânyzeim taekureim - ewily aietyby - pogu taekureim
13. Chá	poji ekuru - powanry ekuru - poji ekuru - poji ekuru tânyzeim

Fonte: organizados pelos autores, 2022

Este trabalho está em andamento e não tem prazo para ser concluído, pois entendemos que ainda há muito a ser pesquisado, debatido e criado, porém, pretendemos que ele se torne um trabalho científico ampliado e ganhe maior alcance no meio acadêmico, vindo a ser objeto de uma dissertação de mestrado, futuramente.

Pensando em fortalecer ainda mais nossa língua e enriquecer a pesquisa, buscamos ampliar o conhecimento, dividindo e aprendendo ainda mais com a escola da Terra Indígena de Santana, próxima ao município de Nobres (MT). Esta comunidade também é falante da língua bakairi, apresentando bastante variação na fala. Apesar de ter suas variações linguísticas, nós, povo Bakairi, de modo geral, conseguimos nos comunicar e nos entender.

No início do mês de junho do referido ano (2017), nos dirigimos à aldeia Santana, com o intuito de relatar a experiência vivida na sala de aula de nossa aldeia. Ao chegarmos, fomos recebidos com entusiasmo pelo professor Bakairi Jeronimo Oliveira Santos e pelo coordenador Bakairi André dos Santos, da Escola Municipal Indígena Coronel Olavo Mendes Duarte. Ao compartilharmos nossa iniciativa, desenvolvida em nossa terra indígena, fomos convidados pelo professor Jeronimo a

relatar aos seus alunos nosso trabalho e desenvolver atividades como as realizadas com nosso grupo de alunos.

Figura 02 - Aula na escola da Aldeia de Santana



Fonte: Aryane A. A. Silva (2017).

Dialogamos com os alunos sobre a importância de revitalizar e valorizar a língua materna e debatemos acerca da situação do uso da língua portuguesa na Terra Indígena de Santana, constatando que se encontra da mesma maneira que na Terra Indígena de Paranatinga. Realizamos o primeiro momento, da mesma forma como havíamos feito em nossa sala de aula, considerando fundamental contextualizar os conceitos de **neologismo** e **empréstimo**. Seguimos dando exemplos e oferecendo a lista de palavras criadas anteriormente em português, e pedimos que também a levassem para casa e criassem novas expressões. No outro dia, seguimos analisando os termos e, mais ainda, comparamos as diferentes formas que cada área indígena utiliza para expressar o mesmo termo.

Ciente da importância do professor titular da sala, combinamos que o trabalho seria desenvolvido de modo conjunto; por isso, o professor Jeronimo se manteve junto

Luiz Carlos Tawi Matarim e Rejane Centurion

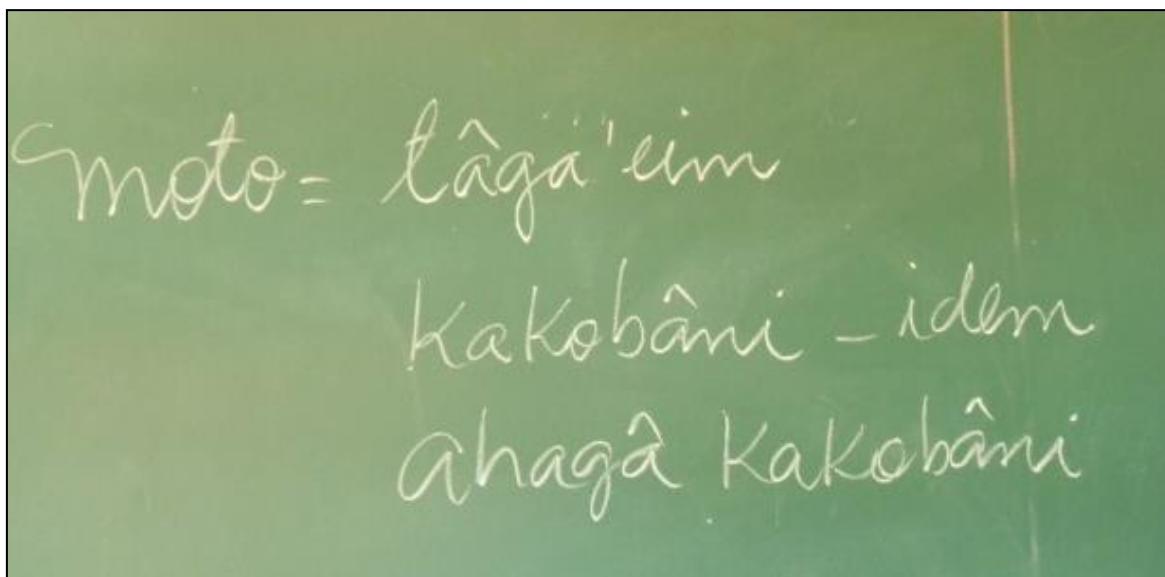


a mim, frente aos alunos. Outra razão, como já citado anteriormente, é o fato de haver dois dialetos da língua bakairi, portanto, concomitantemente às expressões criadas, fomos discutindo e expondo tais diferenças dialetais.

Uma das primeiras palavras a ser trabalhada foi “moto”, a qual possibilitou, logo de início, a exposição de uma diferença dialetal bem significativa. Como podemos observar abaixo, houve três sugestões para sua substituição:

<i>tâga'eim</i>	(que possui grande velocidade)
<i>kakobâni</i>	(que tem como função deslocar)
<i>ahagâ kakobâni</i>	(que desloca duas pessoas)

Figura 03 - Transcrição em lousa de sugestões para a substituição da palavra “moto”



Fonte: Aryane A. A. Silva (2017).

Nestes exemplos, duas situações reforçam as diferenças entre os dialetos: a palavra *tâga'eim*, no bakairi de Paranatinga, é *tâgaseim*, tendo a letra “s” sido substituída pelo apóstrofo, o que sonoramente representa uma glotal; já a palavra *ahagâ kakobâni*, em bakairi de Paranatinga, é *azagâ kakobâni*, ou seja, a letra “h” é substituída pela letra “z”, representando sonoramente uma fricativa.

O trabalho foi desenvolvido durante duas tardes inteiras e teve como objetivo, não apenas dividir a experiência, mas também motivar que este projeto conquiste outros espaços, outras escolas Bakairi.

Considerações finais

É imprescindível registrar que este trabalho está em seu começo, reconhecendo que seu desenvolvimento e dimensão merecem estudos mais cuidadosos. Estamos ainda por discutir questões como: Quais empréstimos são mais antigos e mais recentes? Há empréstimos de outras línguas indígenas? Como os empréstimos mais recentes que foram incorporados à língua bakairi são vistos pela comunidade? dentre tantas outras questões que possam surgir no percurso do trabalho.

Pretendemos, com este trabalho, além de contribuir para a revitalização e valorização da nossa língua materna, construir coletivamente com os discentes um material que possa ficar na escola como suporte de pesquisa para outros alunos, para o futuro.

Referências

ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. In: **Alfa**: Revista de Linguística (Universidade Estadual Paulista). São Paulo, 1984 (suplemento), p. 119-126.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. Empréstimos linguísticos e identidade cultural. In: ALVES *et al.* **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas**. Vol 1. São Paulo: FFLCH, 2009.

LOPES, Edinéia Tavares. **Conhecimentos Bakairi cotidianos e conhecimentos químicos escolares**: perspectivas e desafios. Tese. Universidade Federal de Sergipe, 2012.

MOLINA, Daniele de Souza Leite. Empréstimos linguísticos no campo lexical: a contribuição do português para o léxico da língua inglesa. In: **Revista Gatilho**. UFJF, vol. 11, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/issue/view/1235> Acesso em: 29.ago.2023

PAULA, Eunice Dias de; TAPIRAPÉ, Josimar Xawapare'ymi. Revitalização de línguas indígenas no Brasil: o caso dos Apyâwa. In: **Revista Linguística**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, n.1, Educação e Revitalização Linguísticas, 2017, p. 215-230.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/issue/view/463/showToc> Acesso em: 29.ago.2023.

TAUKANE, Darlene. **A história da educação escolar entre os Kurâ-Bakairi**. Cuiabá: Ed. da autora, 1999.

Recebido: 09/07/2022
Aprovado: 02/08/2023
Publicado: 01/09/2023